

VARIEDADES

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

Eu dava qualquer coisa para ter estado naquela secção da Exposição Americana de Moscow no momento exato em que o sr. Kruschew levantou o nariz e esticou-se na ponta dos pés para responder à apreciação feita pelo sr. Nixon sobre a possibilidade de tudo aquilo ir pelos ares se estourasse uma guerra. Diante de um pacífico mostruário de cozinha americana, cheia provavelmente de ferros de abrir lata, de aparelhos de cortar ovos cozidos ou tomates crus, e outros gadgets de que tanto se orgulham nossos amigos do norte, refletindo-se nos vidros e nos metais polidos, o russo e o americano, tidos por representantes dos mais transcendentes valores mundiais, estiveram a discutir num plano ao mesmo tempo prodigiosamente juvenil e terrivelmente dramático. E ainda há por aí uns indivíduos que acreditam no equilíbrio do mundo baseado no reciproco interesse e no reciproco terror. Já disse por escrito nestas colunas que não acredito em equilíbrio do medo. O incidente provocado pelo sr. Nixon prova que estamos à mercê de frivolidades. De repente, se o sr. Kruschew acordar de mau humor ou desconfiado de que está com um câncer, pode vir abaixo tudo o que os chanceleres arrumaram com luvas pelica diplomática. Disse que o incidente foi provocado pelo sr. Nixon, baseado no que li. E acho muito viável essa versão que atribue ao americano uma frase intempestivamente pouco protocolar, mas estou muito contente com a provocação do sr. Nixon, porque a cólera pueril do sr. Kruschew foi um dos espetáculos mais divertidos que na semana passada filmei na imaginação já que não tive a felicidade de estar em Moscow. O sr. Kruschew deu um espetáculo que sempre dará o tirano, o régulo totalitário, quando vê subitamente, incredulamente interrompida a rotina de subserviência, de baixeza e de medo a que está diariamente habituado. Não foi o sentido da frase, o conteúdo da sentença que irritou o sr. Kruschew, e sim o facto insólito de ouvir de repente um ser estranho, um úpede implume, a falar sem sinais de medo, a dizer coisas sem as precauções convencionais da diplomacia (como convem a um visitante) e sem a fundamental e essencial torpeza, como convem aos de casa. Num espetá-

culo imprevisito, apareceu diante do sr. Nikita Kruschew o mais irritante dos fenómenos, o mais monstruoso dos seres, a mais bizarra das aparições: um homem livre. E o sr. Kruschew ficou vermelho, exaltado, e só não mandou matar ali mesmo a peçonhenta criatura porque não lhe saem da cabeça as tais bases aéreas americanas espalhadas por toda a Europa. Tempos atrás o nosso homenzinho deu igual espetáculo quando falaram em Deus perto d'ele. Todo ofendido começou a gritar. Agora é um homem humano e humanamente livre que o põe fora de si. Os telegramas dizem que já chegaram a um acôrdo o que o incidente está superado. E' a maneira que os diplomatas inventaram de banalizar tudo e de usar a palavra articulada, em seus diversos idiomas, para não dizer coisa nenhuma. O teste continua de pé. A sorte do mundo continua a depender de categorias infra-humanas e talvez até endocrinológicas. E a comovente exposição de latas americanas continua a sua ingênua mensagem nas praças de Moscow. Dizem que os russos montaram uma outra exposição ao lado da americana, de modo que depois da onpetição dos satélites artificiais teremos uma competição de ferros de abrir lata e de saca-rolhas.

Enquanto o americano e o russo discutem, a japonesa dá três passos, sorri, e arrebatada a cobijada coroa da beleza universal. O telegrama diz que a coroa vale mil dólares; mas, meus senhores, esperemos que ao menos nestas circunstâncias importe mais o simbolo do que o metal! Não costumo acompanhar com grande interesse esse fenómeno que, se não me engano, está se tornando dia a dia mais difundido. Creio que já dei uma explicação pública sobre o que penso das misses, e não julgue o leitor que minhas repugnancias e restrições sejam ditadas por algum preceito moral. Não; nem chego a abrir a gaveta dos preceitos e obrigações, pois antes disso funciona logo uma coisa instintiva, uma espécie de cheiro. Não gosto do fenómeno. E não é de hoje, dos dias do declínio — ô rage, ô desespero, ô vieillesse ennemie! — que data minha aversão por essa inflação de pernas e braços que inunda a publicidade. Em 1928, não sei se haverá ainda alguma testemunha

viva, estando em Berlim a visitar instalações de Rádio, fui convidado pelo diretor do que hoje chamamos relações públicas para um espetáculo em que apareciam mil mulheres nuas. Tentei explicar-lhe que eram muitas para meu gosto, e recieio ter deixado em Berlim uma desabonadora impressão de minha masculinidade. Sempre achei que a mulher é uma coisa maravilhosa, sempre pensei que Deus a inventou para nos mostrar, nesse jogo de espelhos que é o sexo, sob um ângulo todo especial, o que é o homem. Por isso mesmo não gosto do termo generico e plural "mulheres", que logo pede musica e vinhos. Não senhor, mulher deve ser vista uma por uma; deve ser apreciada uma por uma; deve ser considerada uma por uma; deve ser amada, segundo os mais abalizados autores, uma de cada vez. As misses são um modo de estragar o mundo feminino. Um modo parecido com o convite daquele diretor alemão. Brutal. Cretino. E infinitamente enfastioso. Patrioticamente — não sei se me atrevo a publicar tão imprudente declaração — sempre torço para que uma das nossas não tire a coroa e não nos traga para as revistas ilustradas a sobrecarga do universo. Uma das ultimas que esteve a ponto de tirar brincou com minhas filhas, e assim ficou sendo um pouco minha filha também. Em certa altura da vida, meus caros, toda a moça de quinze anos em vez de noiva é filha. E foi por isso que fiquei triste com a coroa nacional e ainda mais ficaria com a internacional. Mas não se afliesam os torcedores desse tipo especial de patriotismo, porque minha torcida civica tem sido sempre muito pouco eficaz. Mais avo menos ano teremos foguetes e miss universo.

Apesar de tudo o que acabo de dizer, não sei porque, fiquei encantado com a japonezinha que tirou o prêmio e ganhou a coroa. Talvez porque assim se torna mais clara a redondeza do mundo... O fato é que uma porção de coisas orientais — porcelanas, casas de papel e bambu, gueichas, samurais e mandarinas — surgiram-me na mente formando uma cranda de infinita doçura em torno da rainha japonesa. Deus te ajude, menina, e te guarde de casar com um idiota muito rico.